

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

CONTOS POPULARES. MANUSCRITOS INÉDITOS DE FRANCISCO MARTINS SARMENTO.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1989 | Número: 99

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Contos Populares. Manuscritos inéditos de Francisco Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, 99 Jan.-Dez. 1989, p. 67-85.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Manuscritos Inéditos de Francisco Martins Sarmiento

CONTOS POPULARES

(Recolhidos por Martins Sarmiento)

Organização de FRANCISCO PRÍNCIPE

O GAMILHO

Era uma vez um homem que vinha do Brazil para o Porto. Levantou-se uma grande tempestade e elle, vendo-se em perigo, prometteu à Virgem se escapasse do perigo, cazar com a rapariga mais pobre que encontrasse. Elle era muito rico. A tempestade passou e elle chegou ao Porto, onde tratou de cumprir a sua promessa. Depois de correr muitas ruas, viu um sapateiro que lhe pareceu a pobreza em pessoa e ao pé d'elle a fiar, uma sua filha. Entrou e pediu a filha ao sapateiro. Este ao principio cuidou que zombavam delle, mas, quando o pretendente lhe mostrou o seu voto, não teve que lhe dizer e deu-lhe a filha.

Viviam ambos muito bem e felizes, e combinaram que se um delles morresse, o outro não deixaria deitar durante 3 dias terra sobre o cadáver e iria durante as 3 primeiras noites penal-as ao pé da cova. Ora succedeu que a mulher adoeceu e morreu. O marido metteu-se com o campeiro e conseguiu que elle não deitasse terra sobre o cadáver da mulher, e o deixasse ir à noite ficar ao cemitério. Chorava. Chorava, quando à 3 noite sentiu que sahia um ramo ao pé d'elle. Pegou no ramo; chegou-o ao rosto da defunta e a defunta ressuscitou. Imagine-se a alegria d'elle.

Passados tempos entrou um regimento no Porto. Vinha de Cadiz (*sic*). O commandante viu a mulher num dia na igreja e quando ella ia para a pia da água benta elle borrifou-a com ella. A mulher mostrou-se séria. Nos três dias seguintes elle fez o mesmo e ella riu-se. Como o regimento tinha de voltar para Cadiz o commandante pediu ao capitão do navio que logo que o regimento entrasse no navio, o capitão largasse a toda a força. O capitão prometeu. O commandante pediu à mulher para ir ver o navio, e depois d'algumas reservas ella consentiu e foi.

Quando o commandante a viu dentro fez signal ao capitão que largou a toda a força pela barra fora. A creada da mulher que ficou fora, toda afflita foi contar ao marido o que tinha succedido, e elle conseguiu outro barco e foi também para Cadiz. Chegando lá e vendo um dos soldados do regimento, chamado Gamilho, pediu-lhe para arranjar que elle assentasse praça no mesmo regimento. Gamilho arranjou-lhe isso facilmente, e um dia que o nosso soldado muito asseado passava por baixo das janellas do commandante, este disse à mulher para ella ver como o seu «recruta» era catita.

Mal a mulher o viu gritou:

— «Estou perdida é o meu marido».

— «Seu marido sou eu.» — disse o commandante.

— «Deus permitisse que assim fosse» — tornou ella.

O commandante deu ordens para reunir todos os soldados, a pretexto de que um delles lhe roubou um anel de diamantes; revistou-os todos e viu-se que o anel fora roubado pelo nosso soldado, porque o commandante que levava o anel escondido na mão fingiu que lh'o encontrou no bolso.

O homem disse ao Gamilho que estava perdido e que se elle era seu amigo havia de fazer um favor.

O Gamilho a quem elle tinha já dado muito dinheiro prometeu-lhe que sim, e elle então disse-lhe que depois que fosse fuzilado, elle o mandaria deitar à cova, mas que arranjasse com que o coveiro não lhe deitasse terra na cova; que elle Gamilho fosse a caza delle e pegasse n'um bahu que lá estava cheio de dinheiro. Que tomasse um ramo (como o tal ramo que elle tinha trazido consigo) e que lh'o fosse chegar à cara, quando elle estivesse na cova. O Gamilho assim fez, e logo que o ramo tocou na cara do morto, elle ressuscitou.

E depois andou, andou e chegou ao palácio do Rei. Estava tudo muito triste no palácio, porque o Rei estava sem esperanças de vida, nenhum médico o salvara. O homem disse que possessem em conta a Rainha, que estava ali quem talvez lhe curasse o Rei. Os guardas duvidaram, por terem sido chamados em vão os melhores médicos, mas sempre deram parte. A Rainha mandou chamar o homem, elle disse que curaria o Rei se o deixassem ficar com elle toda a noite e chegando-lhe o ramo ao rosto, ressuscitou-o ficando elle de saúde. O Rei ficou tão contente que prometeu fazer tudo o que elle pedisse. Elle pediu-lhe para ser feito generalíssimo de Cadiz. O Rei logo lh'o consentiu. Foi elle pra Cadiz e, o general veio, com

as tropas recebê-los. Perguntou, elle ao general e à mulher se o conheciam. Depois mandou-os matar a ambos e atirál-os ao mar. Ao Gamilho perguntou-lhe o que elle queria ser, elle pediu um posto pequeno, mas o homem foi-lhe dizendo que elle tinha pedido era pouco, e por isso fel-o generalíssimo e dizendo que elle o tinha merecido.

(D. ANTÓNIA)

CADA CONSELHO UMA MOEDA

Era uma vez um homem tão pobre e tão cheio de filhos que não viu cousa melhor de que fugir de caza e ir servir. Depois d'andar muito chegou a uma caza, onde o tomaram para creado, apresentando-se elle por 3 moedas.

No fim do anno, o creado disse ao amo que tinha acabado o tempo e precisava de ir levar alguma cousa aos filhos. O amo disse-lhe que sim; mas perguntou-lhe se queria as 3 moedas, ou se antes queria 3 conselhos. O creado, depois de reflectir respondeu que queria os 3 conselhos. Disse o amo:

« — O primeiro conselho é que nunca deixes estrada por atalho».

« — O segundo é que não durmas em estalagem onde homem dono velho e dona nova».

« — O terceiro é que não comas deste bolo senão depois de chegar a tua caza». E deu-lhe um bolo.

O homem partiu e no caminho encontrou uns almocreves, foram conversando, e chegando a um certo sítio os almocreves tomaram por um atalho, convidando o homem a fazer o mesmo, para poupar muito caminho. O homem lembrou-se do conselho do amo e respondeu.

« — Nada eu cá não deixo estrada por atalho —». Foi andando sem perigo, quando os almocreves se lhe tornaram a apresentar, mas muito tristes e deprimidos, contando que lhes tinham sahido uns ladrões e os tinham roubado.

« — Olha o primeiro conselho como foi bom» — disse elle consigo. Chegaram à noite a uma estalagem, mas soube que o estalajadeiro era velho e cazado com uma mulher nova. Lembrou-se do conselho do amo e disse:

« — Nada, aqui não fico eu —». Depois de comer sahiu e foi deitar-se

por baixo d'um carro que ficara nas trazeiras da estalagem. Passado tempo sentiu vir gente e conheceu que era a estalajadeira e depois um padre, vieram ambos sentar-se no carro e combinaram ali a morte do estalajadeiro. O homem ponde cortar um bocado do hábito do padre. Pela manhã, a mulher entrou em grandes alaridos, que lhe tinham matado o marido. Surgiu muita gente e a justiça e vendo o homem debaixo do carro prenderam-n'o. Elle pediu à justiça que fosse com elle ao convento, que lá descobriria tudo. Foram fazer interrogatórios à communitade e elle olhando e espreitando viu o hábito a quem faltava o bocado, tirou o bocado do bolso e mostrou como os juntava, e convenceu toda a gente. E partiu para caza. A mulher perguntou-lhe o que elle trazia e elle contou-lhe que em lugar da soldada antes quizera 3 conselhos. E se tinha dado bem com os 2 primeiros. E iria ver se se daria bem com o 3, que era só comer o bolo, quando entrasse em caza. Partiu o bolo e achou-o recheado de peças de ouro.

AS VOZES DOS ANIMAIS

Era uma vez um homem que conseguiu estudar as vozes dos animais (não se diz por virtude de quem), com a condição porém de morrer, logo que desse a alguém parte de como tinha alcançado esta sciência. Estando elle ao pé da corte, onde haviam uns bois, e para onde entrou uma cavalgadura (um burro creio), persuadido que o homem (dôno) não o entendia, disse para os bois:

« — Vocês é que são felizes ahi estão a comer essa palha, muito descansados, enquanto eu venho de fora moído da jornada —».

« — Mas vaes-te agora regalar com essa herva — «disseram os bois», — e descansarás, nós amanhã cedo vamos trabalhar todo o dia a lavar. —»

« — Eu cá no vosso lugar arranjava e não ia —» tornou o burro.

« — Como? —»

« — Como?

« — Fingiam-se doentes —»

Os bois acharam bem o conselho e, quando de manhã, o dôno veio para os levar para o trabalho, achou-os deitados a fingir de doentes. O dono, que sabia do conselho do burro, fez-se desentendido, deixou em

paz os bois, mas metteu o burro ao arado, obrigando-o a fazer a lavoura. À volta para a corte, os bois perguntaram ao burro.

« — Então, que tal foi o trabalho? »

« — Está feito! — » disse o burro « — não é muito pezado, mas tenho uma má nova a dar-vos — » continuou elle, e à pergunta dos bois continuou: « — É que o amo, vendo que vocês estão doentes resolveu mandá-los ao magarefe (*sic*) — ».

Os bois ficaram muito assustados, prometendo que no dia seguinte se apresentariam sãos. O dono que ouvira tudo não pode deixar de desatar a rir. De facto no dia seguinte os bois estavam bons para o trabalho. Mas o homem achou tal graça à improvisa do burro que não pode conter-se que não contasse o succedido à mulher. Daqui viu que a mulher ficou a arder em curiosidade por saber como é que o marido podera conseguir entender as vozes dos animais, e dessa hora em diante não o deixaria um momento, dizendo-lhe que elle lhe não tinha amizade nenhuma, pois que lhe não satisfazia uma vontade tão simples. O marido tornava-lhe que se contasse o seu segredo morreria infalivelmente. A mulher, que tornava sempre e o homem por fim andava muito triste, porque não queria arriscar-se a morrer, nem queria ver a mulher a azoíral-o desconfiada de que elle não tinha amizade.

O cão de caza, que sabia de tudo isto (não se diz como) poz-se um dia a fallar com o gallo, julgando que o dono não o ouviria, porque elle estava escondido por qualquer forma. O cão disse ao gallo como é que o dono andava triste e a razão porque a mulher queria por força saber um segredo, que elle não queria confiar-lhe. (o cão contar-lhe-ia sobre tudo. — o que o amo tinha o dom de entender as vozes dos animais — que ouviu o burro e os bois — que morria se revelasse o segredo) o gallo riu.

— Pois eu tenho muitas (gallinhas) e sei-as ensinar e elle não sabe ensinar uma! o que eu fazia no seu lugar era dar-lhe c'uma moca.

O marido ouviu isto, e, como a mulher continuava a importonal-o, disse-lhe que ia ceder mas faria o testamento primeiro porque tinha a certeza de morrer. A mulher deixou-o fazer o testamento. Elle mandou fazer um jantar grande declarando que no fim do jantar se a mulher ainda insistisse lhe contaria o segredo. No fim do jantar perguntou-lhe ainda se queria saber o segredo apesar de saber que elle ia morrer, e como a mulher respondesse como sempre que elle não morreria e que dizia aquillo para a enganar — em summa, que teimava sempre na sua — pegou n'uma moca que tinha escondido e desancou a mulher.

HISTÓRIA DE 2 IRMÃOS

(RESUMO) São dois irmãos muito pobres, um resolve-se em correr o mundo para ganhar a vida. No caminho aconteceu-lhe ver um vulto, aliaz leve com o um sussurro diabólico. O vulto parou ao pé d'elle, e perguntou-lhe

« — O que andas aqui fazendo? — ». O rapaz conta-lhe tudo. O vento pergunta-lhe ainda.

« — O que dizem do vento na tua terra? não dizem mal».

O homem que não queria as más graças do vento respondeu que não.

« — Pois não dizem que deito abaixo as vossas árvores, telhados, estrago as sementeiras»

« — Dizem também — continuou o rapaz — que o vento é muito bom para limpar os grãos e para muitas cousas».

O vento ficou lisongeado e disse:

« — Está bem ahí tens uma toalha. quando dizeres: — põe-te meza — logo podes comer tudo o que quizeres.

— E esta moca. — quando bateres 3 vezes com ella no chão, pedindo-lhe a roupa que quizeres — ella te a dará.

— E esta gaita quando a tocares os teus filhos estarão sempre contentes. —»

O rapaz pegou nos presentes e voltou para caza. A toalha dava de comer, a moca de vestir. E assim o outro irmão, com inveja, quiz cousas iguais e tomou o mesmo caminho, que o irmão lhe indicou. Não lhe disse porém o modo de responder ao vento. De sorte que quando o vento fez ao segundo irmão as perguntas que tinha feito ao primeiro, aquelle concordou em que o vento tinha muito má reputação. Então o vento deu-lhe uma moca e disse-lhe:

« — Aqui tens, quando quizeres alguma cousa, dá com esta moca no chão e dizes — Moca faze o teu dever — mas não a mostre à tua mulher, e pede-lhe as cousas quando estiveres só.

O homem voltou para caza, e julgando que tinha alcançado também fortuna como o irmão, e dizendo à mulher que pedisse o que quizesse, que tudo teria. A mulher pediu-lhe, o que quer que fosse. O homem foi a uma loja retirada levando a moca, e pediu o que queria, dizendo: «moca faze o teu dever». A moca começou a andar como um sarilho batendo furiosamente no pobre homem. Foi preciso cortar a moca para sempre.

JOÃO CORTIÇÃO

Era d'uma vez um rei que tinha uma filha muito bonita. Ao rei morreu-lhe a mulher, e disse à filha que queria dormir com ella. A filha disse-lhe que sim, se elle lhe desse um vestido com quantas vistas há no mundo. O rei mandou fazer um vestido com quantas vistas há no mundo, e deu-lho; mas a filha tornou que só dormiria com elle, se lhe desse outro vestido com as cores de quantas rozas há no mundo. O rei mandou fazer o vestido, e a filha pediu-lhe um vestido com quantas estrellas há no céu. O rei mandou-lhe fazer o vestido, e a filha, vendo que não podia ver-se livre do pae, fugiu; mettu-se dentro d'um cortiço, enfarruscou muito a cara, e foi offerecer-se como creada na caza d'um rei. Perguntaram-lhe o que ella sabia fazer, e ella disse que não sabia fazer nada, só se fosse guardar patos. Disse-lhe então o rei que ficasse para guardador de patos, e, como ella ia vestida de rapaz, disse que se chamava João, o rei pôz-lhe o nome de João Cortição.

Entrou ella a guardar os patos e quando estava só dizia:

« — Pata aqui, pata ali, filha de rei anda por aqui — », e zumba matava um pato. Um dia, o filho do rei que estava escondido ouviu tudo, e disse consigo:

« — Isto que será? — ». E foi dizer à mãe que queria comer alguma cousa feita por João Cortição.

« — Tu não vês que elle anda cheio de porcaria! — ».

« — Não importa minha mãe, quero comer alguma coisa feita por João Cortição — »: a mãe vendo que não lhe tirava esta ideia da cabeça, foi ter com João Cortição e perguntou-lhe se elle sabia fazer alguma cousa de comer. Elle disse que não e que só sabia fazer um caldo.

« — Pois hás-de (*sic*) fazer um caldo para o príncipe — » João Cortição disse que sim, mas haviam de o deixar fechar-se só na cozinha. Assim foi; mas o filho do rei pôz-se a espreitar para ver a cozinha e viu que quem fazia o caldo era uma menina muito bonita com um vestido todo d'estrellas, porque ella tinha-se vestido com o vestido d'estrellas. Ficou o filho do rei todo encantado da menina; tomou o caldo e viu que dentro d'elle vinha um anel de brilhantes. Três dias quiz que João Cortição lhe fizesse o caldo, de todas vezes vinha nelle um anel de brilhantes, cada vez mais rico. Outra vez o príncipe foi ao theatro e viu lá a mesma menina com o vestido d'estrellas. Toda gente o admirava, porque ellas iluminavam todo o vestido.

O príncipe foi procural-a aonde ella estava, mas não a viu já. Veio para caza e foi directo ao quarto de João Cortição para descobrir alguma cousa; porém João Cortição lá estava no seu lugar. Outra vez andava o príncipe a passear no jardim e olhou, por acaso, para uma janella. Viu lá a mesma menina toda vestida d'estrellas, e deitando a correr encontrou-a na janella, e cazaram ambos.

A FILHA DO REI E O SOLDADO

Era uma filha d'um rei, que só estava bem quando a estavam a catar. As creadas nunca a satisfiziam e eram despedidas dentro em pouco. Veio uma que era feiticeira e quando estava a catar a filha do rei, mettu-lhe dois alfinetes nos ouvidos.

Ella ficou encantada, mas parecia morta; e o rei mandou-a enterrar (na igreja); mas pôz uma sentinella à igreja. De noite a filha do rei levantava-se e comia a sentinella. Comeu assim muitos soldados mas o rei não desistiu de mandar guardar a igreja. Cabia a sorte sobre um soldado que ia com um medinho, quando encontrou uma mulher que lhe perguntou o que elle tinha. Elle contou-lhe tudo e ella disse-lhe:

« — A filha do rei só se levanta à meia-noite. Quando forem 11 horas, vai-te metter debaixo da pia da água benta, e deixa-te ahi estar que ella não te fará mal ». O soldado assim fez. À meia-noite a filha do rei levantou-se e disse para o sentinella:

« — Aparece».

Como elle estava debaixo da pia da água benta, não lhe fez mal.

O rei sabendo que o soldado escapara, quiz que elle continuasse a fazer sentinellas. Elle tornou a affligir-se, mas encontrou a segunda vez a mulher que lhe disse:

« — Mette-te debaixo da pedra d'ara (do altar)». Elle assim fez e escapou a segunda vez. O rei, cada vez mais satisfeito, mandou continuar guardar a igreja. A mulher appareceu-lhe a 3.^a vez e disse-lhe que: — Se mettesse debaixo dos ossos dos soldados que a filha do rei tinha devorado —.

Assim fez. A filha do rei à meia-noite aproximou-se do monte d'ossos e disse-lhe que podia sahir pois não lhe sucedia mal nenhum. Elle sahiu e ella disse-lhe que a catasse. O soldado catou-a e encontrando as cabeças dos alfinetes arrancou-os. A filha do rei ficou desencantada e o rei sabendo do caso ficou tão contente que casou a filha com o soldado.

HISTÓRIA DOS SAPATOS DE FERRO

Era uma vez um rei que teve um filho, mas tão feio que a sua pelle parecia a pelle d'um sardão. Quando chegou o tempo de o cazar, sempre encontrou uma rapariga que o quizesse, pra poder vir a ser rainha, mas a rapariga vivia muito desgostosa, por causa da fealdade do marido. Depois começou a notar que quando elle se ia deitar com ella, nunca se deitava primeiro e notou também que não sentia as asperezas que devia ter a pelle de sardão que elle possuía. Uma noite fez com que elle se deitasse primeiro: deixou-o adormecer, e chegando-se ao pé delle viu que era d'uma grande formossura. A pelle tinha-lhe desaparecido. Foi a um quarto, aonde elle costumava ir sempre antes de se deitar: descobriu lá a pelle de sardão. com que elle andava de dia e queimou-a. No dia seguinte, quando o marido accordou foi procurar a pelle e adivinhando que foi a mulher que a havia queimado disse:

« — Não sabes o mal que fizeste; nunca mais me verás —» e desapareceu sem que ella o visse mais. A princeza fez-se muito triste e foi procurar um sábio (*sic*) para ver se elle lhe dizia onde encontraria o marido.

« — Olha não o podes encontrar senão depois de romperes uns sapatos de ferro. Mando-os fazer, e depois vai aquelle monte, onde vive o sol, que vê tudo, que elle pode dizer-te onde o poderás achar —»

A princeza mandou fazer uns sapatos de ferro; subiu o monte com muito trabalho; mas o sol não estava em caza. Apperelheceu-lhe a mãe delle e disse-lhe.

« — Olha se queres espera até à noite porque o sol de dia anda sempre a trabalhar por fora só à noite volta a caza, muito cansado, talvez elle te diga o que tu queres —».

A princeza esperou que o sol voltasse a caza; mas elle disse-lhe que não tinha visto nada e ajuntou:

« — Olha, talvez a lua que anda de noute visse alguma cousa. Vai aquelle monte, onde ella vive e talvez saibas o que queres —». A princeza subiu o monte onde vivia a lua, com grande trabalho; mas a lua também não estava em caza. Appareceu-lhe a mãe della e disse-lhe:

« — Olha a lua não vem para caza senão de madrugada; anda toda a noite e chega muito cansada. Se queres esperar até à madrugada, talvez ella saiba alguma cousa —».

A princeza esperou; mas a lua disse-lhe que não tinha visto nada. e ajuntou:

« — Olha vai aquelle monte onde vive o vento pode ser que elle visse alguma cousa —».

A princesa subiu o monte com grande trabalho; mas o vento não estava em caza. Appareceu-lhe a mãe:

« — Olha o vento não está em caza; anda por fora, umas vezes chega alegre outras muito zangado; mas se quizeres espera por elle talvez te diga alguma cousa.

A princeza esperou que o vento chegasse; mas elle disse-lhe que não tinha visto nada, e ajuntou:

« — Olha vai aquelle monte, onde está o escuro e pode ser que elle te diga alguma cousa. A princeza subiu o monte com grande trabalho, mas sentiu uma certa satisfação pois viu que os sapatos de ferro já começavam a romper-se. Appareceu-lhe a mãe do escuro (todas as cousa tem mãe, replicou a narradora, se ali quem estranhe que a tenha o escuro) e foi ella mesma que a levou à caza do filho. A princeza perguntou-lhe se tinha visto um príncipe com tais e tais sinais, e o escuro respondeu que sim; que elle estava hoje no palácio de tal, mas cazado com outra princeza, e adjuntou:

« — Olha, se queres entrar no palácio e fallar com a princeza leva uma meada d'ouro, um fuso d'ouro, uma dubadoura d'ouro que ella há-de querer ver essas cousas e tu tens entrada no palácio —». A rainha assim fez e chegando ao palácio, ia com os sapatos de ferro quasi todos rotos. A dona do palácio quiz ver a meada d'ouro e depois que a rainha teve entrada no palácio propos à corte a seguinte advinha:

« — Um homem mandou fazer um bahu e perdeu-lhe a chave, mandou fazer outras, mas passados tempos encontrou as primeiras chaves, que chaves deve elle usar? as velhas ou as novas? toda gente respondeu que devia usar as primeiras, e então a rainha contando a sua história, foi reconhecida pelo rei, que ficou a viver com ella, deixando a segunda mulher.

(ANA)

HISTÓRIA DOS SAPATOS ROTOS

Era uma vez um rei que tinha uma filha e não sabia explicar como todos os dias lhe apareciam os sapatos rotos, desde o começo da noite até vale madrugada. Propôs o caso a todos os que quizessem resolvel-o, dando como prémio ao que conseguisse a mão da filha, mas mandando matar os

que não o explicassem. Havia um que era muito pobre, e que um dia andando por um sítio, onde as rãs cantavam, entrou em caza e disse á mãe:

« — As rãs, quando me viram disseram-me — Rei — Rei; que eu hei-de ser rei, e eu vou ao palácio resolver o caso que propôz o réi, porque se o resolvo elle dá-me a mão da filha, e eu serei rei. A mãe tratou de o disuadir, lembrando-lhe que se arriscava a ser morto, como todos aquelles que fizeram a mesma tentativa. Mas o filho teimou e foi. A mãe deu-lhe um bolo para comer no caminho. Apresentou-se aos guardas do palácio; mas estes vendo-o com modos rústicos e mal trajado, não quizeram deixá-lo entrar.

O rapaz disse que a advinha era para todos; os guardas mandaram perguntar ao rei, se deviam deixar entrar um rapaz assim, assim. O rei respondeu affirmativamente, e o rapaz foi admitido. Aconselhava-se aos que pretendiam resolver o enigma vigiar a princeza desde o romper da noite até de madrugada, por isso o rapaz tratou de não a perder de vista. Reparou que elles lhe offereciam várias cousas appetitosas para comer e beber mas elle resistiu sempre, e fez bem. porque todas as cousas appetitosas adormecem as pessoas, que as comam e bebam e por isso elle não provou — para — saber o que a princeza fazia de noite. O rapaz recusou tudo o que ella lhe ofereceu; mas por fim com tais encantadas maneiras lhe pediu ella para provar de certa beberagem, que elle aceitou; mas em vez de a beber fingiu que sim, mas entornando-a pelo seio abaixo. A princeza julgando que elle realmente tinha provado da beberagem que o poria a dormir como aos outros, não fez mais caso delle; abriu uma porta, appereceu logo um mar que ella avançou depois de calçar os sapatos. O rapaz seguiu atraz della acompanhando-a sempre sem que fosse persentido. Seguindo-a assim até à Alordana (*sic*), aonde ella, e logo que chegou foi ter a um palácio onde estavam em reunião muitos reis, e onde foi duramente castigada, por ter chegado tarde. A princeza desculpou-se com os embaraços que tinha tido no seu palácio; assistiu, depois ao banquete, a que todos se assentaram, e apressou-se a voltar a caza com receio que o rapaz (O SOL) accordasse antes d'ella chegar.

O rapaz advinhou-lhe a intenção; pôde passar-lhe a deante, fingiu que estava a dormir quando ella entrou, e no dia seguinte quando chegou a occasião d'explicar o caso dos sapatos rotos, elle disse que a princeza tinha rompido os sapatos, por ter feito isto e aquilo, e elle não teve remédio senão cumprir tudo e o rei deu-lha em casamento, vindo elle deste modo a ser rei.

(ANNA LEOPOLDINA)

HISTÓRIA DOS CINCO CARVALHOS (aliás castanheiros)

Era uma vez um homem muito pobre, que tinha cinco filhas, trabalhava como um mouro para as sustentar, e um dia foi a um monte, onde havia cinco carvalhos, e começando a cavar para arrancar uns raizeiros que havia ao pé d'alguns delles, ouviu uma voz debaixo do chão que lhe perguntava o que elle andava ali a fazer. O homem respondeu que andava a ganhar a sua vida, para se sustentar a elle e cinco filhas e um filho, que tinha, e então a voz disse-lhe que elle trouxesse uma das filhas, que receberia em paga meios bastantes para viver sem trabalhar. O homem assim fez, trouxe uma das filhas ao sítio, onde ouvira a voz e bateu: — traz — traz: respondeu-lhe a mesma voz, e assim que lhe disse que trazia a filha que a voz pedira, a terra abriu-se, appareceu um homem que a levou lá para o fundo; a terra tornou a fechar-se. Em paga o homem deu-lhe um grande sacco de dinheiro.

O pai não deixou de trabalhar e visto procurar um raizeiro próximo d'outro dos 5 carvalhos ouviu outra voz fazer-lhe as mesmas perguntas que da primeira vez, ele deu-lhe as mesmas respostas: a voz fez-lhe o mesmo pedido, e elle deu-lhe a segunda filha recebendo em troca outro sacco de dinheiro. Repetiu-se o mesmíssimo caso nos três outros carvalhos restantes, de modo que o homem cedeu as suas cinco filhas. Assim ficou riquíssimo, elle e o filho que lhe restava. Os vizinhos não podendo explicar o desaparecimento das cinco filhas, nem a origem das riquezas dos pais formavam sobre o caso muito maus juizos, e estas murmurações chegaram aos ouvidos do filho que um dia se dirigiu á mãe pedindo que lhe explicasse. A mãe contou-lhe toda a verdade. O rapaz pegou em si, foi a um dos carvalhos e bateu — tráz — tráz!. Uma voz lá do fundo perguntou-lhe o que ria, e elle disse que era o irmão da moça que estava lá dentro e desejava vê-la. Ora quem lhe falava era a irmã mesmo. A terra abriu-se; elle entrou; viu tudo aquillo cheio de riqueza, mas a irmã disse-lhe:

« — O pior é se o rei accorda e dá contigo aqui; mas espera esconde-te naquelle sítio e pode ser que elle não te faça mal — ». Quando elle accorreu perguntou-lhe a mulher o que elle faria a um irmão que ella tinha, se elle a viesse ver.

« — Estimava muito vel-o — »

Então o irmão appareceu e o rei tratou-o muito bem, e disse-lhe:

« — Vou-te dar um presente, pega neste chapéu. quando quizeres que ninguém te veja, põe-no na cabeça, que ninguém te poderá ver —».

O rapaz sahiu e foi bater ao pé do segundo carvalho. O mesmo caso, e o rei desta vez deu-lhe de presente umas botas.

« — Quando quizeres ir seja para onde for, calça estas botas que irás onde te appetecer —».

Foi bater ao terceiro carvalho, e ahi o rei deu-lhe uma espinha de peixe.

« — Quando pegares nesta espinha e dizeres, valha-me aqui o rei dos peixes, verás os peixes apparecer logo e fazerem o que tu ordenares —».

Indo ao quarto carvalho, o rei dá-lhe uma unha de leão.

« — Quando pegares nesta unha e dizeres valha-me aqui o rei dos leões. há-de apparecer um leão que fará quanto tu lhe ordenares —».

Finalmente no quinto carvalho o rei deu-lhe uma pena d'ave e disse-lhe:

« — Quando pegares nesta pena e dizeres, valha-me aqui o rei das aves, há-de apparecer uma ave que fará o que tu mandares.

O rapaz vendo-se senhor destas cousas, quiz ir ver a Torre da Babilónia, de que muito ouvira fallar, e calçando as botas, disse:

« — Quero ir à torre da Babilónia —» chegou lá num estante, mas disseram-lhe alli que n'uma salla da torre havia uma princeza encantada, mas pessoa que chegasse ao pé della nunca mais voltava. O rapaz quiz logo ir á salla e disse:

« — Botas levai-me a salla da torre —» e logo as botas o levaram lá. Encontrou uma princeza muito formosa e um velho que dormia no regaço della. A princeza vendo-o disse-lhe:

« — Donde vieste tu desgraçado? —» E contou-lhe como muitos outros alli tinham vindo sem poder mais sahir:

« — Foge que se o rei accorda serás devorado —» contou-lhe mais, que ella mesma nunca podia sahir d'alli; porque para isso era necessário que o rei morresse e para elle morrer era preciso uma cousa impossivel — que alguém podesse tirar do fundo do mar um caixão de ferro que lá havia, onde estava guardada uma pomba, e dentro della um ovo. Era preciso possuir o ovo e quebral-o na testa do rei, porque só assim elle poderia morrer.

O rapaz disse que não havia de ser devorado, e, quando viu que o velho ia acordar pôs na cabeça o chapéu e sahiu sem que ninguém o visse. Decidiu ir á borda do mar e pegando na espinha do peixe disse:

« — Valha-me aqui o rei dos peixes — » appareceram logo muitos peixes e elle disse-lhes:

« — Quero um caixão de ferro que está no fundo do mar —» os peixes

trouxeram-lhe logo o caixão; mas o caixão não tinha chave, e viu depressa que não havia força humana que o abrisse, o rei pegou na unha de leão e disse:

« — Valha-me aqui o rei dos leões —» appareceu logo um grande leão, e elle disse-lhe:

« — Quero este caixão aberto —» o leão deitou-lhe as garras e abriu-o logo; mas uma pomba, que estava dentro, vendo o caixão aberto fugiu e poz-se a voar por esses ares. O rapaz pegando na pena d'ave disse:

« — Valha-me aqui o rei das aves —» appareceu logo uma grande ave, e ele disse:

« — Traz-me aqui aquella pomba —», a ave apanhou-lhe a pomba e trouxe-lha.

Então o rapaz tirou o ovo que ella tinha dentro e voltando á salla da Torre da Babilónia, quebrou o ovo na testa do velho, que morreu, e trazendo a princeza consigo, casou com ella.

(ANNA LEOPOLDINA)

CONTO DE 4 FRAGMENTOS

Um soldado fez uma escriptura com o diabo, compromettendo-se a entregar-lhe a alma se podesse haver quanto quizesse. Feito o contracto o soldado vendo qualquer cousa que lhe agradasse, não tinha mais que dizer:

« — Salta para dentro da minha mochila —» e lá saltava para dentro da mochila quanto elle queria, gallinhas, porcos, tudo. Um dia indo por caminho, viu passar um cão e tanto se agradou, que o quiz haver:

« — Salta cão para a minha mochila —» dito e feito mas desde então a mochila tornou-se tão avulomada e tão extraordinariamente pezada, que o soldado não podia arrastar-se com aquelle pezo. Foi ter com um ferreiro e pediu-lhe para malhar na mochila com toda a força, até a reduzir a um volume menor. O ferreiro malhou, malhou, e chegou a um ponto em que lhe pareceu que a mochila já não podia pezar muito. mas o soldado pondo-a de novo ás costas, sentiu-lhe o mesmo pezo e desconfiado que ali andava ali o diabo, arrastava-a como podia, acreditando que levava o diabo na mochila.....

(MARGARIDA)

VENDA DA ALMA AO DIABO

Uma mulher chamada Maria Eugênia vendeu a alma ao diabo, assignando a escriptura com o sangue do dedo mezinheiro, como é costume. Tinha ella um afilhado que também estava no mesmo caso, mas tão arrependido de tal que só desejava desfazer o contrato. Sabendo isto, a madrinha, a quem o diabo prometera fazer tudo que ella pedisse, deu uma carta ao afilhado para a levar a Lucifer (com quem contactara ella). O afilhado foi ao inferno, encontrou um portão de ferro muito negro: entrou, o chão estava cheio de carvões. Eram as almas dos condenados.

Encontrou vários diabos que lhe perguntaram ao que vinha, e ouvida a resposta, encaminharam-no para Lucifer, elle leu a carta e disse.

« — Está bem, mas não sei quem fez a escriptura vou chamar — », tocou uma trombeta, reuniram-se muitos diabos, mas todos elles disseram que não tinham feito escriptura nenhuma com o rapaz. Lucifer chamou os que faltavam, por um rol: todos elles declararam o mesmo: mas faltava um: era o diabo MANQUINHO (Vulcano?). Ficou-se concluído que fora este que comprara a alma do rapaz; quando o diabo MANQUINHO appareceu, Lucifer disse-lhe que era preciso desfazer a escriptura: mas o MANQUINHO negou-se: que não: que a não desfazia por modo nenhum.

Lucifer ameaçou-o que o metia no pôço de Carnafim. O MANQUINHO sempre renitente. Quando, foi ameaçado d'ir para a cama que estava preparada para Maria Eugênia, ficou espavorido e cedeu logo. Era uma cama cheia de espetos a arder.

O afilhado veio contar á madrinha o que se passara e descreveu-lhe a cama que a esperava.

Por meio d'oração e penitência, Maria Eugênia pode salvar-se do inferno.

(MARIA)

A VELHA DOS SAPATOS

Uma mãe que tinha inveja d'uma filha por causa da sua beleza mais se enraivava, porque quando ia ao espelho perguntava-lhe:

« — Qual é mais bonita, eu ou minha filha? — » e o espelho respondia:

« — Tua filha — ».

Resolveu por fim desfazer-se della e incumbiu uns creados de a levar a um monte, onde a matassem, tirando-lhe para signal a língua della. Os creados foram: mas quando a iam para a matar tiveram pena della, e depois de combinarem o meio de poderem enganar a ama mataram uma cadella e cortaram-lhe a língua, dizendo á ama que era a de sua filha.

A mãe foi ao espelho e tornou a perguntar.

« — Quem é mais bonita eu ou minha filha? — » o espelho rresspondeu.

« — Tua filha — ».

« — Mas minha filha é morta — ». O espelho disse.

« — Tua filha não é morta — »

Ella teimou na sua e o espelho também e quando lhe perguntava onde ella estava o espelho callava-se, mas por fim disse-lhe

« — Está no alto d'um monte — »

A mãe mandou chamar a VELHA DOS SAPATOS (a), para ella ver se ella lhe descobria a filha, e a velha poz-se a caminho e tanto andou que a pôde encontrar. Vivia ella numa caverna onde se acoutava uma malta de salteadores que a tratava muito bem, porque vindo um dia de fora e encontrando a caverna muito varrida, a cozinha muito bem arranjada, as camas feitas, ficaram muito admirados. Tinha sido a rapariga que tinha feito tudo aquillo, indo alli ter por accaso, escondendo-se em seguida para ver o que succederia. Como os ladrões ficassem muito satisfeitos, ella mostrou-se, todos a queriam; mas o capitão disse que não servia para nenhum, e ficava a viver entre elles como uma irmã. Assim foi. Quando a VELHA DOS SAPATOS entrou ficou ella muito assustada com a ideia de que se os ladrões entrassem então lhe fariam mal. A velha disse que se não demorava nada, só queria mostrar-lhe uns sapatos muito lindos, que lhe deviam servir bem, e a rapariga, vendo-os, não resistiu a calça-los; mal os calçou ficou como morta. Os ladrões vieram e vendo-a naquelle estado supuseram-na realmente morta e foram leval-a a uma mina onde a deixaram, succedeu que passou por alli um rei que andava á caça, e dando com ella ficou encantado da sua belleza. Tornou lá outro dia para a ver a segunda vez, e como a rapariga tinha a cor como viva, o rei levou-a para o seu palácio e tinha-a fechada num quarto, tornando-se muito triste por ver morta uma

(a) A VELHA DOS SAPATOS deve ter uma história sua, que convém conhecer. A Margarida não a sabe, mas sabe que, quando se falla d'alguma mulher enredadeira, se diz: «AQUELLA É A VELHA DOS SAPATOS».

menina tão linda. Uma irmã do rei desconfiou de o ver no quarto da morta, que de resto estava sempre fechado; poude lá entrar, e vendo-lhe os bonitos sapatos tirou-lhe um. A menina deu sinais, tirou-lhe o outro, ella sentou-se. Mas a irmã tornou-lhe a meter os sapatos nos pés, obrigando-a a tornar ao estado anterior, e indo ter com o irmão disse-lhe porque elle andava triste, e o meio de o fazer alegre e feliz, e para o convencer levou-o ao quarto da encantada, que deixou de o ficar dado que lhe tiraram os sapatos. O rei cheio de alegria casou com ella, e victoria! victoria! acabou-se a história.

O GALLINHEIRO

Uma vez um mercador rico tinha uma filha muito bonita que morria por viajar. Tanto teimou, com o pae, que a deixasse correr o mundo que elle já não achou outra objecção senão dizer-lhe que uma mulher não podia viajar só. Ella removeu a difficuldade, declarando que ia vestida de homem. e o pae por fim deu-lhe licença. Como tinha um navio a partir deu-lho também com tudo o que elle continha. Dentro de pouco tempo a rapariga tinha gasto tudo e vendo-se reduzida á pobreza foi ter a uma caza de um rei, a ver se alli arranjava serviço. Admitiram-n'a para esfregar panellas, e como viram o seu zelo, deram-lhe em seguida o emprego de gallinheiro. Ora a rainha viu o gallinheiro e começou a gostar d'elle, a provocal-o, chegando-lhe a escrever, mas como não fosse correspondida começou a odial-o, e tratou-o de o prender. Um dia chegou ao rei e disse-lhe:

« — O gallinheiro gabou-se que era capaz d'ir buscar ao meio do mar a nossa filha que lá está encantada — ».

O rei chamou o gallinheiro, e disse-lhe que havia de buscar a filha, porque estava encantada no meio do mar, e visto ter-se gabado de o poder fazer. Elle protestou e tornou a protestar que não tinha dito tal cousa; mas o rei mandou-o metter na cadeia, dando-lhe três dias para se resolver a desencantar a filha, sendo enforcado, se o não fizesse. Foi o gallinheiro para a cadeia e ali foi visital-o um velho, a quem elle costumava dar de comer e que depois de ouvir contar as suas desgraças lhe disse:

« — Não te aflijas diz ao rei que vaes, mas que te há-de dar três pães bentos e o cavallo branco da rainha, pega nesta vara, e vai andando até a

um sítio, onde hás-de encontrar um penedo á beira mar, toca-o com a vara e ele há-de abrir-se deante de ti, vae até chegares a um palácio que está no meio do mar. á porta hás-de encontrar uma serpente com umas poucas de chaves na boca, tira-lhas porque ella estará a dormir; e se acordar quando lhe tirares as chaves, lança-lhe os pães bentos que ella vae atraz delles, e tu podes então correr o palácio e ir ao quarto da filha do rei; que é o terceiro, e que podes abrir com uma das chaves. Foge com ella, virás pelo caminho igual ao que, indo, foste, tocando o mar com a vara —».

O gallinheiro mandou dizer que estava pronto a ir desencantar-lhe a filha com a condição d'elle lhe dar os tres pães bentos e o cavallo branco da rainha, e assim que os recebeu partiu. Sucedeu tudo, como lhe tinha predito o velho — chegando ao penedo, deu-lhe com a vara e o penedo abriu-se, appareceu-lhe o mar, tocando-o com a vara o mar affastou-se dando-lhe caminho e assim chegou a um palácio, á porta estava uma serpente com umas chaves na boca.

A serpente estava a dormir; acordou quando elle lhe tirou as chaves, mas lançando-lhe os pães bentos, ella foi atraz dos pães e elle foi ao terceiro quarto onde estava a filha do rei e fugiu com ella. Todos os príncipes encantados que alli estavam, e que não queriam ficar sem aquella companheira, corriam atráz della; mas como elle tocando com vara no mar abriu caminho, que se fechava logo que elle passava, não poderam ir longe. O gallinheiro chegando a terra atravéz do penedo que se abriu tocado pela vara, montou o cavallo branco da rainha e veio entregal-a aos paes.

A princeza desencantada ao sahir do palácio do mar tinha dito:

« — Ai dellas — », e ao entrar no do paes:

« — Ai que dirão? — », mas depois nunca mais falou e o pae vivia muito desgostoso por isso.

A rainha sempre com a ideia de prender o gallinheiro tornou a intrigal-o contando ao marido, que se elle se gabava, de fazer fallar a princeza. O rei chamou-o obrigando-o a cumprir a seu dicto; mas aconteceu como da primeira vez. por mais que declarasse que nada tinha dicto, o rei não acreditou, e, como elle insistiu, mandou-o para a cadeia, dando-lhe três dias para fazer fallar a princeza, senão morreria.

O velho foi ter com elle á cadeia, e disse-lhe que não tivesse susto, porque a princeza havia de fallar, que tirasse só por condição ao rei que juntasse todo o povo debaixo da janella, onde havia de apparecer a filha do rei, para que todos a ouvissem fallar, e lhe perguntasse então o que queriam dizer as palavras que ella tinha soltado ao sahir do palácio encantado

e ao chegar ao do pae. Assim foi. Quando todo povo se reuniu debaixo da janella, onde appareceu a princeza, perguntou-lhe o gallinheiro:

« — Porque foi que disseste ao sahir do palácio do mar — ai dellas? —»
e a filha do rei respondeu:

« — Porque em cima do cavallo vinham duas donzellas —»

« — E ao chegar a este palácio porque disseste — ai! que dirão? —»

« — Porque se tu não fosses donzella meu pae seria um cabrão —».

E mais nada a Margarida ouvi-a ao marido, que a traz do Rio de Janeiro; mas parece fora de dúvida que é conhecida em Portugal.